

PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE E ANÁLISE DO CONTEMPORÂNEO

**COM OS DOIS PÉS NO CHÃO
CONTEMPORÂNEO: SUPERVISÃO,
PERCURSO E ESTILO EM
PSICANÁLISE**

RENATA DE MASI

Orientador: Nome do Orientador

2025

RESUMO

O trabalho reflete sobre a função do supervisor na Psicanálise Contemporânea, especialmente diante de supervisionandos que enfrentaram percursos formativos marcados por exclusões. A partir de uma abordagem ensaística, articula teoria e experiência clínica para propor uma supervisão ética, sensível e comprometida com a escuta do singular e com a democratização da formação psicanalítica.

Palavras-chave: Supervisão psicanalítica; Formação em Psicanálise; Psicanálise Contemporânea; Democratização; Estilo clínico.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1. A Supervisão na Estrutura do Tripé Psicanalítico	5
2.2. A Psicanálise Contemporânea e o Supervisor Criador	5
2.3. Democratização e Lacunas na Formação	6
2.4. A Função do Supervisor: Ética, Escuta e Rêverie.....	7
3. METODOLOGIA	8
3.1. Percurso Metodológico	8
3.2. Tipo de Pesquisa	8
3.3. Fontes e Corpus	9
3.4. Posição Ética e Limites	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	10
4.1. O Contexto da Supervisão: Quem é o Supervisionando de Hoje?	10
4.2. Três Fases do Supervisionando na Clínica e na Supervisão.....	10
4.3. Supervisão Como Interseção Entre Teoria, Técnica e Desejo	12
4.4. A Caminhada Compartilhada.....	12
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	13
REFERÊNCIAS	15

1. INTRODUÇÃO

A formação psicanalítica, tradicionalmente centrada em instituições elitizadas e marcadas por rigidez teórica, vem sendo questionada por uma geração de analistas que apostam na democratização da Psicanálise, na escuta das singularidades e na reinvenção contínua da prática clínica. Este trabalho nasce da experiência pessoal e profissional de uma analista que, vinda da Educação e das lutas sociais, encontrou na Psicanálise um campo fértil para ampliar, aprofundar e refinar seu compromisso com a inclusão, não apenas de sujeitos na análise, mas também de novos analistas nos espaços de formação.

O percurso narrado ao longo deste ensaio tem como eixo a função do supervisor clínico na Psicanálise Contemporânea, especialmente aquele que escolhe acompanhar os supervisionandos que vêm sem saber “onde colocar seus pés”, expressão que simboliza aqueles que ingressam no campo analítico sem sobrenomes consagrados, fora das linhagens consagradas e sem acesso facilitado à tríade freudiana da formação (análise pessoal, supervisão e estudo teórico).

Neste contexto, o texto propõe uma reflexão situada sobre as múltiplas camadas que atravessam a formação psicanalítica: as heranças familiares e culturais, os impasses econômicos, as desigualdades de acesso e os estilos singulares que cada analista constrói. Ao fazer isso, visa tensionar a noção de técnica como elemento opressor quando desvinculada da ética e da função de acolhimento implicada na supervisão.

A supervisão, aqui, é abordada como prática ética, estética e política, que não se resume ao controle da atuação clínica, mas se apresenta como campo de escuta, transmissão e invenção. A partir de autores como Freud, Lacan, Ogden, Bion, Winnicott, Kehl e outros, a proposta é defender uma Psicanálise viva, permeada pela cultura, pela improvisação, e pela responsabilidade subjetiva que sustenta o desejo do analista, incluindo o desejo de supervisionar.

Trata-se, portanto, de colocar em cena a escuta das histórias singulares dos supervisionandos, reconhecendo suas cicatrizes, seus deslocamentos, suas potências. É sobre calçar os grandes teóricos, mas sem permitir que eles sejam os

nossos pés. É sobre propor um modelo de supervisão que não reforce hierarquias estéreis, mas que opere como espaço de encontro, de afinação ética e de construção conjunta de um estilo clínico.

A pesquisa teórico-prática apresentada neste trabalho está dividida em três tempos: o primeiro deles dedicado à função da supervisão no campo da Psicanálise Contemporânea; o segundo, ao percurso da formação analítica e às implicações do desejo de supervisionar; e o terceiro, à proposta pessoal e ética de um modelo de supervisão ancorado na escuta criativa, na política da inclusão e na sustentação do estilo singular do supervisionando.

Este trabalho, enfim, aposta que é possível sustentar toda a tecnicidade psicanalítica e o rigor ético sem sacrificar a história, o afeto e a cultura dos que caminham rumo à função psicanalítica. Ele convida o leitor a abandonar a estrutura procustiana da formação e a participar de uma reinvenção contínua com olhos abertos, com a escuta viva e com os dois pés fincados no chão da clínica.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Supervisão em Psicanálise Contemporânea: entre transmissão, ética e reinvenção

2.1. A Supervisão na Estrutura do Tripé Psicanalítico

Desde seus primórdios, a formação do psicanalista estrutura-se no conhecido tripé: análise pessoal, estudo teórico e supervisão clínica. A supervisão, apesar de menos tematizada na teoria clássica, é reconhecida como um dos pilares indispensáveis à formação ética e técnica do psicanalista. Freud apontava para a importância do compartilhamento clínico entre pares e Lacan reiterava que a análise didática deveria ocorrer no âmbito da experiência, não da reprodução normativa.

Contudo, a prática supervisionada muitas vezes desviou-se do que deveria ser um espaço de escuta e construção conjunta para ocupar uma função hierárquica, normativa e excludente. Kupermann (2020) contesta a noção de “análise de controle”, apontando que o verdadeiro objetivo da supervisão é o compartilhamento horizontal, em que o supervisor também aprende com o supervisionando e reconhece os limites do próprio saber.

Já Tomazelli (2007) propõe que a supervisão pertence à terceira grande área da Psicanálise: o ensino. Diferente da clínica ou da instituição, a supervisão transmite uma experiência, não um saber fixo. Nesse sentido, supervisionar é também psicanalisar uma posição subjetiva em construção e não formatar um profissional.

2.2. A Psicanálise Contemporânea e o Supervisor Criador

A contemporaneidade exige do supervisor mais do que conhecimento técnico. Exige sensibilidade ética, abertura criativa e disposição para improvisar diante das exigências do real na clínica. Coutinho Jorge (2017), ao refletir sobre a prática psicanalítica a partir de Lacan, destaca que cada analista deve reinventar a

Psicanálise e não refazê-la, mas dar-lhe nova vida a partir da experiência do desejo que o atravessa.

Esse princípio se estende à supervisão. Um supervisor que apenas repete fórmulas técnicas, ignora a escuta da dupla e recusa a subjetividade do supervisionando, age de maneira “procustiana” – isto é, tenta ajustar o outro ao seu próprio molde, como aponta Mannoni (1992). A prática psicanalítica viva, ao contrário, exige o acolhimento do singular e o reconhecimento da cultura e da história de cada sujeito.

Ogden (2009) sustenta que todo analista carrega consigo duas forças: a tradição que o formou e a inovação com que reinventa sua prática. A supervisão, assim, deve também ser o lugar onde a tradição encontra a margem de manobra necessária para que um estilo clínico singular possa emergir.

2.3. Democratização e Lacunas na Formação

A crítica à elitização da formação psicanalítica no Brasil aparece de forma contundente em autores como Santos (2019) e Verztman (2023). Ambos alertam para os efeitos nefastos de uma formação que, muitas vezes, opera como um sistema de exclusão travestido de rigor técnico. Nesse modelo, a supervisão deixa de ser instrumento de transmissão para se tornar dispositivo de controle simbólico.

A proposta aqui defendida, em consonância com Andrade (2023), é de uma supervisão que acolha também os que não vieram de “linhagens”, os que suaram a camisa sem sobrenome, que tiveram interrupções na análise por falta de recursos ou que foram tratados com hostilidade por professores e supervisores no início de sua formação. São esses supervisionandos que desafiam a Psicanálise a se abrir – não para vulgarizar-se, mas para reencontrar seu compromisso com o sujeito e com a cultura.

A supervisão, nesse contexto, não é apenas técnica. É política. É o lugar onde se decide se o desejo analítico de alguém será sustentado ou esmagado. É também o espaço onde o superego institucional pode ser humanizado por um olhar que reconhece esforço, ética e compromisso, mesmo quando faltam referências consagradas.

2.4. A Função do Supervisor: Ética, Escuta e Rêverie

O supervisor contemporâneo é chamado a ocupar uma posição que sustenta, escuta e se deixa afetar. Aqui, o conceito de *rêverie*, de Bion, torna-se central: trata-se de oferecer ao supervisionando um campo receptivo, onde experiências difíceis (clínicas e subjetivas) possam ser pensadas, metabolizadas e elaboradas.

Essa função exige do supervisor uma ética do cuidado. Como aponta Delouya (2020), o par supervisor-supervisionando também opera sob associação livre e atenção flutuante, revelando transferências e contratransferências que, se escutadas, transformam o processo em um verdadeiro espaço de análise da prática e da posição do analista.

Na mesma direção, Ogden (2013) propõe que a supervisão seja o nascimento de uma terceira subjetividade: nem do analista, nem do paciente, mas da dupla analítica. Isso vale também para o par supervisor-supervisionando, em que a criatividade do vínculo pode permitir o florescimento de um estilo clínico ético e vivo.

3. METODOLOGIA

Um estudo ensaístico com base na experiência clínica e na escuta

3.1. Percurso Metodológico

Este trabalho foi construído a partir de um método ensaístico com base na experiência, sustentado pela prática clínica e pelo exercício da função de supervisora em Psicanálise. A metodologia não parte de dados estatísticos nem de um modelo empírico tradicional, mas sim da escuta subjetiva, da transmissão de casos e da elaboração teórica a partir da vivência cotidiana com supervisionandos que ocupam posições diversas no campo psicanalítico, especialmente aqueles que não vieram das grandes escolas, linhagens reconhecidas ou formações institucionalizadas.

A escolha desse caminho metodológico deve-se à natureza do objeto investigado: a supervisão como função ética, viva e atravessada pela cultura, pelo desejo e pelas marcas da história de cada sujeito. Trata-se de um objeto que resiste à mensuração, mas que pode ser aprofundado pela via da escrita, da rememoração e da construção teórica em primeira pessoa, como propõem autores que valorizam a clínica do singular e a transmissão não padronizada.

3.2. Tipo de Pesquisa

A pesquisa é qualitativa, de caráter **exploratório e reflexivo**, sustentada na intersecção entre:

- A prática clínica e supervisora da autora, desenvolvida ao longo de mais de duas décadas de atuação como psicanalista e educadora;
- A leitura crítica e integrada de autores da Psicanálise, como Lacan, Freud, Ogden, Bion, Kehl, Coutinho Jorge, Kupermann, entre outros;

- A elaboração teórico-afetiva do percurso pessoal, usada aqui como ferramenta legítima para pensar o coletivo de supervisionandos que compartilham histórias de exclusão, esforço e reinvenção.

Não se trata, portanto, de generalizar conclusões, mas de transmitir uma posição teórica e clínica, articulada com os desafios ético-políticos da formação psicanalítica no Brasil atual.

3.3. Fontes e Corpus

O corpus principal do trabalho é a própria narrativa ensaística apresentada no capítulo anterior, articulada com trechos selecionados da literatura psicanalítica ortodoxa e contemporânea. Além disso, o texto se ancora em:

- Experiências de supervisão com diferentes perfis de psicanalistas em formação;
- Casos clínicos indiretos, preservando o anonimato e a confidencialidade, mas extraindo deles movimentos típicos de impasses formativos e éticos;
- Interlocuções com coletivos e instituições que discutem a democratização da Psicanálise, especialmente no campo da supervisão e da transmissão.

3.4. Posição Ética e Limites

A ética psicanalítica não admite a neutralidade como omissão. Este trabalho reconhece sua posição situada: parte de uma escuta marcada pela própria história da autora, por suas lutas sociais e pela crítica à lógica excludente da formação elitizada.

O principal limite desta abordagem é também sua força: ela não pretende ser neutra, objetiva ou distante. Ao contrário, assume a subjetividade como parte constitutiva da elaboração teórica. Isso significa que, embora não tenha valor estatístico ou pretensão de totalidade, o texto oferece material clínico e político denso, que pode auxiliar outros supervisores e supervisionandos a pensarem seus próprios caminhos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O percurso do supervisionando: estilo singular

4.1. O Contexto da Supervisão: Quem é o Supervisionando de Hoje?

O cenário da formação psicanalítica brasileira, marcado historicamente por elitismo e exclusão, vem sendo tensionado por novas presenças. Supervisionandos que não partem de famílias tradicionalmente “letradas”, que chegaram à Psicanálise por vias não convencionais e que enfrentaram rupturas em sua trajetória formativa, começam a ocupar os espaços de escuta e transmissão. São profissionais que carregam marcas de desigualdade, mas também compromisso, ética e desejo psicanalítico legítimo.

Esses supervisionandos não surgem “formados”, surgem *em travessia*. Chegam com lacunas, mas também com escuta, ética e potência. E é exatamente sobre esses sujeitos que este trabalho se debruça: aqueles que vêm “sem chão”, expressão que remete às divisões simbólicas e concretas dentro da formação psicanalítica. A supervisão, nesse contexto, não deve reiterar essas divisões, mas sim reconhecê-las e operar como ponte.

4.2. Três Fases do Supervisionando na Clínica e na Supervisão

A observação clínica e supervisora da autora permitiu identificar três fases recorrentes no percurso de formação de psicanalistas, especialmente daqueles que não pertencem às linhagens tradicionais. Essas fases não obedecem a uma cronologia rígida, mas indicam marcos subjetivos importantes.

- a) Primeira Fase: início de atuação clínica e busca de autorização

É a fase da insegurança. O supervisionando carrega dúvidas teóricas, dificuldades de manejo com o silêncio do paciente, angústia com os próprios limites. Ainda tenta “decorar autores”, busca aprovação, tem medo de errar. Nesta etapa, o papel do supervisor é fornecer *continência emocional*, orientar o tripé formativo e, sobretudo, transmitir que o erro faz parte do processo, sem reforçar o superego técnico.

A contratransferência surge com força e a supervisão atua como apoio para que o supervisionando suporte o amor e o ódio projetados pelo paciente, como aponta Antonelli (2011). É nesse momento que a função de *rêverie* do supervisor se manifesta com mais força: conter o que não pode ser simbolizado ainda, traduzir o bruto em linguagem possível.

b) Segunda Fase: consolidação da função psicanalítica e construção do estilo

O supervisionando já se reconhece como psicanalista. Construiu um eixo de escuta, compreende a transferência, tolera o silêncio e começa a perceber repetições, resistências e enigmas. Agora, o foco da supervisão desloca-se do caso para a clínica do psicanalista: seu manejo, seu estilo, seus atravessamentos subjetivos.

É uma fase mais horizontal da supervisão, onde o supervisor entra em cena como parceiro do percurso. O termo “colocar bolas nos pés do supervisionando” ilustra bem essa fase: não se trata mais de proteger, mas de provocar movimento. Ogden (2013) contribui ao afirmar que é nesse tipo de parceria que se forma uma terceira subjetividade entre supervisor e supervisionando, capaz de renovar a escuta e sustentar o estilo em construção.

c) Terceira Fase: independência e refinamento clínico

O supervisionando já consolidou seu estilo, sustenta sua clínica e carrega seu desejo de psicanalista com mais firmeza. Nesta fase, os encontros de supervisão tornam-se mais estratégicos, voltados à manutenção da ética, à afinação clínica e à vigilância contra cristalizações.

O risco, aqui, é a saturação: como lembra Kupermann (2020), psicanalistas experientes podem “ensurdecer” por excesso de saber acumulado. A função do supervisor é ajudar a remover a “cera dos ouvidos”, reacendendo o desejo de escuta

e abrindo espaço para o novo. Também é a fase de promover a autonomia ética e técnica do supervisionando.

4.3. Supervisão Como Interseção Entre Teoria, Técnica e Desejo

A partir das três fases descritas, observa-se que a supervisão não se limita à orientação técnica nem à reprodução teórica. Ela é, antes, o campo em que o desejo do analista se articula com sua história e com sua ética. O bom supervisor não impõe seu modelo, mas escuta o estilo que emerge e sustenta o percurso até que o supervisionando possa caminhar com seus próprios pés.

Tomazelli (2007) já havia apontado que a supervisão transmite uma experiência, não um saber acabado. A autora deste trabalho acrescenta: essa experiência deve considerar as feridas narcísicas do supervisionando, seu contexto sociocultural, suas interdições e sua aposta. Quando isso ocorre, a Psicanálise torna-se realmente transmissível: viva, ética e sensível ao tempo.

4.4. A Caminhada Compartilhada

O resultado mais relevante deste estudo é a defesa de um setting suficientemente bom, em que o cuidado, a ética e a sensibilidade com a trajetória do outro sustentam o rigor sem exclusão. O supervisionando, quando escutado, oferece à Psicanálise o que ela mesma se propõe a oferecer: um campo de escuta da verdade subjetiva, da potência criativa e da elaboração simbólica.

A metáfora da tela neutra de Freud é aqui deslocada para a tela pintada: o supervisor não é invisível, mas se apresenta com suas marcas, seu estilo, sua ética. Essa presença permite ao supervisionando encontrar um espaço onde sua formação possa ser compartilhada, construída e legitimada. Não mais sem chão para pisar, mas com o direito firmado de ter seus próprios pés calçados pela palavra, pelo estilo e pelo desejo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Supervisionar é escutar o desejo de quem ainda está escolhendo seus próprios sapatos

Este trabalho percorreu, com escuta e rigor, o território da supervisão psicanalítica a partir de um ponto de vista situado: o da analista que esteve, um dia, sem chão para caminhar e que hoje opta por manter esse trajeto aberto a outros que atravessam caminhos semelhantes.

Mais do que uma revisão técnica ou uma proposta normativa, o texto sustentou a ideia de que supervisionar é uma função ética, enraizada na escuta do singular, na confiança no percurso do outro e na aposta de que o desejo analítico pode emergir mesmo (e especialmente) nos corpos que não carregam sobrenomes consagrados ou passagens pelas grandes escolas.

Ao propor uma leitura ensaística e comprometida com a experiência viva, as reflexões aqui apresentadas se organizaram em três tempos:

1. A apresentação do campo da supervisão na Psicanálise Contemporânea, onde escuta, cultura e criatividade substituem o autoritarismo técnico.
2. A reconstrução do percurso analítico e formativo como uma sequência marcada pela história, pelo desejo e pelas fissuras da tradição.
3. A sistematização de três fases clínicas do supervisionando, não como estágios rígidos, mas como momentos de afinação entre desejo e técnica, sempre mediados por um supervisor atento, presente e sensível.

A principal contribuição deste estudo está na **proposição de uma supervisão que reconhece o sujeito em formação não como aprendiz submisso, mas como psicanalista em travessia**. Esse reconhecimento pressupõe o acolhimento das marcas que cada um carrega: culturais, familiares, afetivas, teóricas, simbólicas. E exige, do supervisor, um estilo de atuação que se afaste da estrutura

procustiana para operar como artesão: alguém que esculpe junto, que afina sem podar, que sustenta o tempo do outro.

Ao final desta caminhada, reforça-se a ideia de que não há Psicanálise viva sem reinvenção. E não há reinvenção sem transmissão. Transmitir, neste contexto, não é doutrinar, é confiar. Confiar que o supervisionando, ao ser escutado com respeito e rigor, encontrará seu próprio modo de caminhar com os grandes teóricos calçados nos pés, mas sem deixar que eles o impeçam de sentir o chão.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é, também, uma forma de agradecimento aos que acolheram as feridas da autora e lhe deram voz quando o percurso parecia impossível. A função de supervisor que se narra aqui nasceu nesse mesmo gesto: não deixar ninguém da Psicanálise fora do caminho.

Porque, ao fim e ao cabo, **supervisionar é partilhar o fôlego da travessia e nunca fechá-la em nome de um saber já pronto.**

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, E. Democratização da formação em psicanálise. In: ALMEIDA, A. P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. cap. 4, p. 137-152.
- ANTONELLI, E. *Os sentimentos do analista: a contratransferência em casos de difícil acesso*. São Paulo: Zagodoni, 2011.
- CALLIGARIS, C. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*. 2. ed. São Paulo: Zagodoni, 2013.
- COELHO JUNIOR, N. E. Estilos do psicanalista: tradição e inovação. In: ALMEIDA, A. P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. cap. 10, p. 239-256.
- COURNUT, J. Da solidão à troca na supervisão. In: STEIN, C. et al. *A supervisão na psicanálise*. São Paulo: Escuta, 1992. cap. 9, p. 129-140.
- COUTINHO JORGE, M. A. *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan. Volume 3: a prática analítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- DEL CORSO, M. das G. R. A voz, a transferência e o desejo do analista. In: DIAS, M. M. (Org.). *A voz na experiência psicanalítica: III jornada seminário fundamentos da clínica do psicanalista pelas psicoses*. São Paulo: Zagodoni, 2015. cap. 5, p. 47-54.
- DELOUYA, D. Notas sobre o trabalho da supervisão e seus fins. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020. cap. 2, p. 35-42.
- FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. 2. ed. rev. São Paulo: Escuta, 2018.
- GUELLER, A. J. S. de. O psicanalista e o sujeito em formação: supervisão e análise. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020. cap. 1, p. 17-34.
- GURFINKEL, D. O analista independente. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020. cap. 4, p. 59-66.
- GUTIERRA, B. C. C. *Inícios na psicanálise com adolescentes: clínica e supervisão*. Curitiba: CRV, 2014.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: MENA, L. (Org.). *O infamiliar na contemporaneidade: o que faz família hoje?* Salvador: Ágalma, 2021. cap. 1, p. 15-35.

KUPERMANN, D. O chiaroscuro da supervisão psicanalítica. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020. cap. 3, p. 43-58.

MANNONI, O. *Um espanto tão intenso: a vergonha, o riso, a morte*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

MARTINS, R. C. R.; MIRANDA, R. R. Política e voz. In: DIAS, M. M. (Org.). *A voz na experiência psicanalítica: III jornada seminário fundamentos da clínica do psicanalista pelas psicoses*. São Paulo: Zagodoni, 2015. cap. 7, p. 61-68.

NASIO, J.-D. *Como trabalha um psicanalista?* Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

OGDEN, T. H. *Reverie e interpretação: captando algo humano*. São Paulo: Escuta, 2013.

PRADO, E. F. de A. A supervisão psicanalítica: construção conjunta da escuta. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R.; BROIDE, E. E. (Orgs.). *A supervisão psicanalítica: ofício e transmissão*. São Paulo: Zagodoni, 2020. cap. 5, p. 67-78.

SÁ, S. S. Do ensino à transmissão da psicanálise: é possível graduar-se psicanalista? In: ALMEIDA, A. P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. cap. 12, p. 269-288.

SANTOS, L. A. R. dos. Psicanálise para quem não tem dinheiro: entre a miséria neurótica e a miséria real. In: ANDRADE, E. L.; FREITAS, V. C. de; CECCARELLI, P. R. (Orgs.). *A psicanálise da vida cotidiana*. 2. ed. Bom Despacho: Literatura em Cena, 2019. cap. 5, p. 83-104.

TARDITS, A. *As formações do psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

TOMAZELLI, E. Mesa redonda II. In: DUVIDOVICH, E.; GOLDENBERG, R. (Orgs.). *A supervisão na clínica psicanalítica*. São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 49-92.

VERZTMAN, J. S. Formação psicanalítica, elitismo e colonização. In: ALMEIDA, A. P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. cap. 7, p. 189-202.

VIEIRA, F. P. Da psicologia à formação em psicanálise: o relato de uma experiência pessoal. In: ALMEIDA, A. P. de (Org.). *Muito além da formação: diálogos sobre a transmissão e a democratização da psicanálise*. São Paulo: Blucher, 2023. cap. 6, p. 167-188.